

Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

INSPIRADO POR JOSÉ E MARIA

Véronique e Thierry Caspar-Fille-Lambie

Preâmbulo

Quando as primeiras equipas foram criadas, antes da guerra e imediatamente após a guerra, não deram a si próprias imediatamente um nome, porque procuravam antes de mais encontrar a sua configuração e viver. Quando o padre Caffarel percebeu que lhes chamavam de «grupos Caffarel» ou «equipas C», decidiu, em 1947, fazer o gesto de Péguy de pegar nos seus filhos e colocá-los nos braços da Virgem.

Em 1954, em Lourdes, na Festa de Pentecostes, 850 equipistas ratificaram a iniciativa do Padre Caffarel fazendo a consagração das Equipas a Nossa Senhora, consagração que era para cada deles uma oração e um compromisso:

Entregamos-vos sem reservas nem condições o nosso Movimento e todos os casais que o constituem, em homenagem de amor e de confiança. Ele pertence-vos. Está à vossa inteira disposição para a glória do vosso Filho. Todos os casais das nossas equipas se abrem a vós, Maria: ficai connosco. Dai-nos a conhecer o vosso Filho. Ensinai-nos a amá-lo e a imitá-lo.

Vamos procurar ver o que significava para o Padre Caffarel a verdadeira devoção a Maria e como a sua meditação sobre o casal de José e Maria, transcrita numa edição especial de *L'Anneau d'Or* e depois incluída no livro *Prends chez-toi Marie ton épouse*, ilumina de forma decisiva o significado do matrimónio cristão.

MARIA

De Eva a Maria: o Sim a Deus¹

«*Duas figuras dominam: Eva e Maria. Um gesto da primeira desviou desde a origem o curso da história. Um sim dado a Deus pela segunda decidiu a salvação da humanidade*»², escreve o Padre Caffarel, que acrescenta que não devemos, no entanto, agarrar-nos a uma imagem esquemática que oponha Eva a Maria. «*Adão e Eva, exilados da felicidade, levaram consigo essa promessa. Era a sua esperança [...] nos sofrimentos*». Será preciso esperar milénios para que essa promessa se possa realizar, porque Deus não tem pressa. Respeita as leis da maturação. «*A humanidade, sob o impulso desse poderoso fermento que é a graça divina, elevou-se a mais pureza, a mais amor, a mais santidade, a Maria*»³.

Maria disse sim à vontade divina, o que Adão e Eva tinham recusado fazer. Maria leva a humanidade com ela. Converte a humanidade a Deus. O NÃO de Eva tinha expulsado Deus, o SIM de Maria chama-o e acolhe-o.

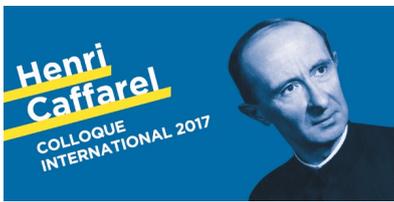
Maria é a nova Eva. É a verdadeira mãe dos vivos e de todos os que vivem da «*vida de Deus*». Veremos como a sua tripla vocação de virgem, de esposa e de mãe permitiu a aliança de Amor entre Deus e a humanidade⁴.

¹ *L'Anneau d'Or*, « D'Eve à Marie ou le destin de la femme », n° 57-58, mai-août 1954.

² *L'Anneau d'Or*, *ibid.*, p. 231.

³ *L'Anneau d'Or*, *ibid.*, p. 232.

⁴ *L'Anneau d'Or*, *ibid.*, p. 180.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

O eterno desígnio de Deus

O casamento de Maria e José inscreve-se no eterno pensamento de Deus. Porque no âmago desse pensamento está Jesus e inseparavelmente o casal de Nazaré: o desígnio divino requer a cooperação de um casal. Deus quis que o seu filho se fizesse homem nascendo de uma mulher e não apenas assumindo um aspecto de humanidade.

Deus quer que Maria seja virgem, mãe e esposa.

Maria deve ser Virgem, para que se manifestem o amor onipotente de Deus e a impossibilidade de o homem se salvar⁵. Esta pedagogia divina já tinha sido aplicada no Antigo Testamento sempre que Deus intervinha quando o homem era posto diante do impossível: pensemos, por exemplo, em Abraão e Sara, que concebem aos 100 anos. A Deus nada é impossível. A virgindade de Maria, sinal de total pertença a Deus, é necessária para deixar claro que a salvação do mundo é da iniciativa de Deus.

Maria deve ser Mãe, pois Deus quer que o seu Filho receba a sua natureza humana do corpo de uma mulher com uma carne «idêntica à do pecado» (Rm 8,3), pura certamente, mas sujeita à fadiga, à fome, à sede, ao sofrimento e à morte. Como o Filho de Deus há-de ser verdadeiramente humano, a humanidade não será salva fora de Jesus, mas, em Jesus, morrerá na cruz e ressuscitará na Páscoa.

Maria deve ser Esposa: para ser mãe, deve ser uma esposa perfeita. O seu amor maternal é a efusão sobre o filho do amor que recebe de José. E o mesmo se passa com José e o seu amor paternal. O filho é o fruto, o testemunho, o convidado desse amor conjugal. Jesus privado de pai não teria sido plenamente homem.

A realização do desígnio de Deus

- A virgindade de Maria: consagrada a Deus

Pouco sabemos da infância de Maria, mas uma coisa é certa, atestada pelas Escrituras: Maria tinha consagrado a Deus a sua virgindade.

Se Maria foi predestinada por Deus e preservada do pecado, é graças à sua caminhada na oração que ela progride no amor, um Amor de absoluta pureza. Ela faz parte dos «anawims», um pequeno grupo de judeus sem brilho, sem poder, que são os pobres, os humildes, os famintos de Deus. É então que, meditando na palavra de Deus e sob a acção do Espírito Santo, ela decide consagrar a Deus, que prefere aos holocaustos o sacrifício interior de um coração puro e terno, a sua virgindade, quando, para os israelitas, a melhor maneira de servir Deus era a maternidade. Ela renuncia assim à fertilidade e à oportunidade de gerar o Messias, para pertencer ainda mais a Deus.

Por essa oferenda, Maria compromete toda a humanidade. Essa virgindade consagrada é «*uma reserva de pureza de que todo o povo fiel é beneficiário*»⁶.

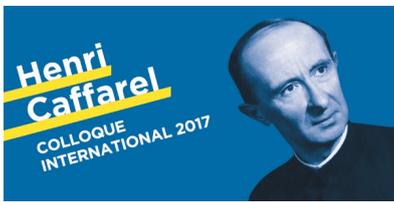
- A decisão de Maria de viver a virgindade no casamento⁷

Em Israel, havia outras soluções que não o casamento para viver a virgindade e a consagração a Deus. Deus, que tinha escolhido Maria de entre todas as mulheres, tinha-lhe escolhido de entre todos os homens um marido que a sua graça tinha formado durante muito tempo. José era jovem, de sangue real (da casa de David), embora de condição modesta, carpinteiro, conhecendo o preço das coisas e do tempo, levado a conhecer todas as pessoas da sua aldeia na sua oficina; também ele fazia parte dos «anawims» e era justo, humilde, abandonado a Deus, com uma confiança absoluta nele.

⁵ Henri CAFFAREL, *Prends chez toi Marie ton épouse*, Parole et Silence, 2006, p. 123-124.

⁶ L'Anneau d'Or, « D'Eve à Marie ou le destin de la femme », n° 57-58, mai-août 1954, p. 234.

⁷ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 20-24, 27-41.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps
Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

Mas a decisão de Maria de se comprometer na vida conjugal não é apenas ditada pelos costumes do tempo. É Deus quem desperta em cada um o amor pelo outro. Eles passam, pois, do amor divino ao amor humano, ao contrário dos outros casais humanos. Por conseguinte, vivem a plenitude do deslumbramento de um amor jovem em estado de graça. O amor de Deus que os possui faz deles seres novos, mais aptos para o dom de si e para o acolhimento do outro. Quando José vai pedir Maria em casamento, ela confia-lhe que se consagrou ao Senhor. Seguir-se-ão momentos de oração e de meditação, e José percebe que, se se casar com Maria, também ele permanecerá virgem e velará pela virgindade de Maria. Esta é a maior prova de amor que ele pode ter para com Maria.

O seu casamento é, portanto, um casamento bem real, em que se dão um ao outro e em que sentem a alegria de estar agora juntos para amar Deus, rezar-lhe e entregar-se a ele. Mesmo tendo renunciado ao dom carnal, experimentam a doçura da presença física do outro, a comunhão dos olhares e dos corações. A abordagem sensível, tão doce como pura, é um dos caminhos que os levam àquele que se revela, que se dá, que os chama revelando-os, dando-os e chamando-os um para o outro. Eles presentem que a sua união faz parte de um desígnio, ainda misterioso, em que o seu «ser conjugal» não será menos necessário do que o seu «ser virginal». Eles amam-se com um amor de ágape cuja origem está em Deus.

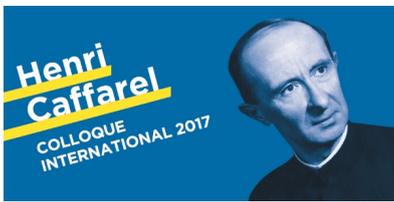
Quando o anjo aparece a Maria, ela está ocupada com os seus afazeres na simplicidade da sua vida quotidiana, com o coração oferecido a Deus mas também àquele belo jovem de quem já está noiva.

A solenidade das palavras do anjo perturba-a. Ela compreende que a grande esperança messiânica se vai realizar através dela. Para entrar com mais lucidez no plano de Deus e pôr a sua inteligência de acordo com o consentimento da sua vontade, pergunta: «Como será isso se eu não conheço homem?», porque ela quer perceber como é que, sendo mãe, poderá manter a sua virgindade, e qual será o papel do seu noivo, que ela ama. Embora o anjo não a esclareça totalmente, na fé, ela pronuncia aquelas palavras que Deus — e toda a humanidade — esperava: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».

Na adoração, Maria toma consciência de que aquela virgindade e a renúncia à maternidade que ela tinha oferecido a Deus lhe são restituídas em cêntuplo. E o seu Filho será o Messias... José percebe a transformação que aquilo produz nela. Provavelmente, Maria contou-lhe a visita do anjo, e José louva o Senhor pelo dom do Messias e admira Maria, a Arca de carne em que repousa o futuro Messias. Mas há também o distanciamento reverencial de quem toma consciência da sua indignidade perante tal mistério. Que lugar pode ele ter, que papel pode ele desempenhar? O seu casamento terá sentido quando é Deus que conduz o jogo? Ele sofre e pondera não se casar com Maria para não usurpar o título de pai, quando a vida com ela seria apenas alegria e luz naquele projecto de viverem juntos para Deus.

O aparecimento do anjo em sonhos permitir-lhe-á compreender que o seu casamento se insere no plano de Deus. «Recebe em tua casa Maria, tua esposa». Ele será o pai terreno do Messias e vai ser ele quem unirá Jesus à linhagem de David e lhe dará o nome profético de Jesus: «Deus salva».

Nesta segunda anunciação, o poder divino dá ao seu casamento a dimensão que lhe faltava, a fecundidade, a fecundidade que realiza ao mesmo tempo o seu dom a Deus e a sua missão no povo de Deus.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

MARIA E AS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

A intenção primeira do Padre Caffarel⁸

O Padre Caffarel queria dar um guia espiritual àqueles casais que procuram Cristo, que o querem imitar e servir. Não há melhor guia do que a Virgem. *Inspirando-se em Péguy*, o Padre Caffarel deseja que cada casal se entregue à onnipotente ternura da Virgem e que cada casal sinta a confiança e a segurança que habita os corações dos filhos quando a mãe está presente. *Os corações serão mantidos na humildade, e o amor fraterno reinará, porque é sempre assim quando a mãe está com os seus filhos.*

Assim, o Padre Caffarel queria que as equipas fossem protegidas contra o intelectualismo e o espírito crítico, o que considerava ser um dos primeiros benefícios da intimidade do cristão com a Virgem. Os corações serão mantidos na humildade, o amor fraternal reinará, pois a mãe está no meio dos seus filhos e a fonte da alegria não se esgotará, uma vez que a causa da nossa alegria estará no meio de nós.

Para o Padre Caffarel, a devoção a Maria não é opcional. Mas, assim que a vemos frente a frente, percebemos que já não podemos passar sem ela, como Deus não quis passar sem ela para realizar o seu desígnio. Ele quis que o seu filho nascesse de Maria, da sua carne certamente, mas sobretudo do seu amor. Jesus e Maria são a mais perfeita União.

O Padre Caffarel estava ciente de que alguns católicos julgariam essa devoção demasiado sentimental e não compreenderiam que se desse tanta importância à Virgem. Mas estava convencido de que a experiência de intimidade com a Virgem podia mudar uma vida, visto que ela se tornava nossa Mãe.

O SIM de Maria e o SIM dos esposos cristãos

«*Toda a vida da Virgem Maria, comprometida pelo SIM da anunciação foi uma contínua ascensão de Amor*»⁹. Com ela, os casais cristãos aprendem a pronunciar «SIM», pela primeira vez, para toda a vida. Este SIM é a alma de toda a sua vida. É com Maria que eles aprendem, dia após dia, a repetir e a viver cada dia o SIM do primeiro dia.

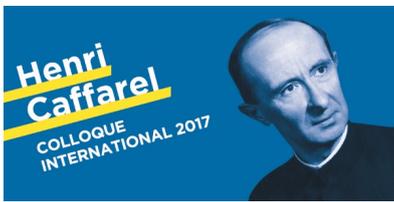
O Amor só é verdadeiro se perseverar, se crescer. Torna-se mais puro e mais absoluto. A sua perfeição não está na alegria do SIM dos primeiros dias, mas na plenitude intensificada pelos seus frutos. No entardecer de uma vida de fidelidade, são os SINS da velhice que exprimem o perfeito consentimento mútuo de dois seres. Este SIM do fim dos dias é mais importante, é uma palavra do coração que o ruído das palavras assusta. «*Felizes os amigos que se amam o bastante para se calarem juntos num país que sabe calar-se*» (Péguy).

A Virgem ensinará os esposos a dizer SIM, mas primeiro revelar-lhes-á que ninguém pode dizer sim ao outro se ainda não tiver dito SIM a Deus. É o próprio amor de Deus que passa pelo seu coração para chegar a outro coração.

Este SIM dito ao outro renovará o consentimento a Deus. Dar-se ao cônjuge é entregar-se a Deus e, ao mesmo tempo, é transmitir à pessoa amada as graças que se receberam de Deus para ela. O Amor vem de Deus, vai para Deus e só pode viver perfeitamente em Deus. Não se ama fora de Deus, e é impossível aos esposos evitarem presença divina. Esta presença é a alegria dos esposos que sabem que, quando a presença divina os intimida, têm sempre a presença próxima e terna de Maria.

⁸ *Lettre Mensuelle des Équipes Notre Dame*, mai 1949.

⁹ *L'Anneau d'Or*, « Le mystère de l'amour », n° 2-3-4, 1945, p. 141-144.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

O SIM da família cristã

Depois do SIM do casal, o Padre Caffarel leva-nos ao SIM da família. É importante lembrar esta noção de família, cujo coração «...vem de dois corações que se deram um ao outro». O coração desta família deve aceitar Deus e entregar-se a ele; é o SIM da família.

Ao dizer SIM a Deus, a família atrai aquele SIM de Deus que se tornará fonte de vida no lar. Porque a família disse SIM, a vida está nela e fecundará a terra. Este mistério está muito próximo do da anunciação. A Virgem gerou a Cabeça, a família gera os membros.

E o padre Caffarel lembra-nos que os pais não transmitem só a vida natural. Mas é juntos que, muito humildemente, eles solicitam essa vida divina que a sua paternidade humana não pode dar.

O CASAL DE MARIA E JOSÉ

Antes de vermos como o casal de Maria e José pode ser um exemplo para os casais cristãos, vejamos como esse casamento é visto na Igreja.

Um perfeito casamento de Amor

Durante os primeiros séculos, a reflexão teológica não se deteve muito no casamento de Maria e José, mas sobretudo na virgindade de Maria, antes e depois, que algumas pessoas contestavam. Só vários séculos depois é que se volta ao casal de Nazaré quando a questão da indissolubilidade do casamento surge de forma aguda. A tese contratual opõe-se à tese carnal. É o consentimento que faz o casamento, dizem alguns, opondo-se a quem considera que é a «consumação». Os primeiros pretendem fazer do casamento de Maria e José o exemplo de um verdadeiro casamento, enquanto estes últimos se agarram a um ensino tradicional e indiscutível: o casamento é a união de Cristo e da Igreja. Progressivamente, uma linha de outros teólogos aprofunda a reflexão e estabelece que a união das almas na caridade é também símbolo da união de Cristo e da sua Igreja, e que a união carnal é apenas uma expressão não necessária desta realidade essencial do consentimento e da união dos espíritos. Assim, a referência ao casamento de Maria e José levá-los-á a procurar a verdadeira natureza do matrimónio cristão para finalmente lhe reconhecer um lugar entre os sete sacramentos.

Um exemplo para os casais cristãos¹⁰

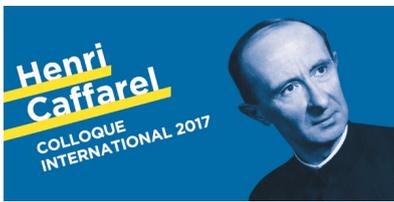
O matrimónio de dois baptizados é a união de dois seres novos, dotados de um coração novo, que vivem uma vida nova, identificados com Cristo. É um dos sacramentos da nova Aliança. O cristão individual tem Cristo como modelo e São Paulo¹¹ dá à união do homem e da mulher o modelo do amor de Cristo pela sua Igreja. O casal de José e Maria é um modelo para os nossos casais, e Deus dá-nos a sua graça para que possamos procurar aproximar-nos dele.

Neste modelo estão presentes o amor a Deus e a vida de oração, a ternura mútua, a fidelidade, a dedicação ao filho, a abertura aos infelizes... tudo o que podemos viver (embora de forma imperfeita) nos nossos casais.

Mas, paradoxalmente, o que é mais esclarecedor para um casal cristão no modelo do casal de Maria e José é o que faz do seu casamento uma união excepcional: a virgindade em que ambos se comprometeram, o facto terem como filho o Filho de Deus e a presença de Jesus na sua casa. Vejamos como cada um destes pontos nos ilumina.

¹⁰ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 153-156.

¹¹ Efésios 5,21-23.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

- Virgindade e Amor ¹²

A sua virgindade enquanto abstenção do dom carnal

«Se a essência do casamento reside não no dom físico mas na vontade de pertença mútua, na união das pessoas como espíritos, é a este nível que o homem e a mulher hão-de encontrar a plenitude a que o seu amor aspira».¹³ Por conseguinte, é essencial estabelecer o diálogo, o intercâmbio e a união em primeiro lugar a este nível. Se a carne tiver o primado, o casamento será vulnerável e instável. No entanto, o dom físico é importante para preservar e aprofundar a união dos corações e para dar vida a filhos. A sexualidade, portanto, não tem a parte predominante na realização da comunidade conjugal. A vida sexual comporta um risco de desaparecimento.

Somos chamados à castidade, que não é continência, mas que é um domínio da carne e uma integração e uma assunção do dinamismo sexual. Quando este é apreendido pelo espírito e penetrado de caridade, contribui para o crescimento espiritual da pessoa. Eduquemos os nossos corpos para que eles se tornem cada vez mais um meio mais perfeito de conhecimento, de expressão, de comunhão, através dos olhares, das palavras, dos sorrisos, de um dar as mãos...

A sua virgindade enquanto vontade de pertença a Deus

Só Deus é o absoluto do amor de que o homem tem sede. Deus é tudo para Maria e para José desde a sua juventude. O móbil de cada um de seus actos é agradar a Deus. Que disponibilidade de coração lhes fica para o casamento? Nenhuma se por «disponibilidade» se entender a capacidade de se dar quando se quer a quem se quer. Mas total se essa «disponibilidade» for a capacidade de fazer o que Deus quer!

Amar o outro não é, então, amar «ao lado» de Deus, mas, em primeiro lugar, amar Deus. Então, amaremos o outro por causa de Deus, em Deus, e não o amaremos menos mas melhor, porque teremos a força do amor de Deus. Recebemos o outro das mãos do Senhor e não fechamos ciosamente os braços sobre este dom, mas transformamo-lo imediatamente em oferenda.

É raro que, aos 20 anos, os casais, ao comprometerem-se, entendam que é necessário entregar-se totalmente a Deus. Continuando o amor de caridade a crescer, virá um dia em que poderão ouvir esse surpreendente apelo a entregarem-se a Deus sem reservas. Este segundo apelo pode ser vivido no seio da vida conjugal. Aquele «*deixa e segue-me*» é lançado também a nós, sem que tenhamos que deixar marido, mulher ou filhos! Essa virgindade, dom incondicional a Cristo, não nos afastará daqueles com quem vivemos, pelo contrário. «*Nós nunca frustramos aqueles que amamos quando nos entregamos a Deus*».¹⁴

Se, à imagem de Maria e José, nos amamos com caridade, o veneno da «concupiscência» é gradualmente eliminado, e a admiração e a compaixão, a força e a doçura, a generosidade e a humildade, a exigência e a paciência, crescem. José e Maria convidam-nos à integração e à conversão profunda do dinamismo carnal que, então, expressará amorosamente, com ternura, sinceridade e castidade, esse amor de caridade.

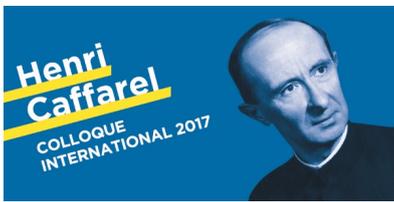
- Uma fecundidade espiritual

Somos chamados a outra coisa além de aumentar a espécie humana. Porque ao nosso matrimónio-sacramento corresponde uma fecundidade nova. Geramos filhos de homem pelo seu nascimento, mas damos vida a seres dos quais Cristo quer fazer seus irmãos. Deus, se lhe confiarmos os nossos filhos, gerá-los-á para a sua vida pelo baptismo, e delega em nós a sua educação. A nossa missão é educar filhos de

¹² Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 157-163.

¹³ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 157.

¹⁴ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 162.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps

Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017

Deus, e o exemplo da família de Nazaré mostra-nos que quanto mais a nossa união estiver disponível para o amor e para a graça de Deus mais Deus trabalhará através de nós para fazer florescer nos nossos filhos a vida do seu Filho.

No amor de José e Maria por Jesus não há nada de possessivo, porque o reconhecem como Filho de um Outro. Da mesma forma, numa família cristã, o nosso amor não pode ser possessivo porque o nosso filho é Filho de um Outro desde o seu baptismo, e devemos velar pelo desabrochar e florescimento nele de um homem novo. Estamos ao serviço de Deus no filho e devemos ajudar esse filho a tomar consciência da sua vocação pessoal, mesmo que os caminhos de Deus nos pareçam desconcertantes.

Deus concede aos pais que lhe apresentam corações pobres e humildes, acolhedores dos seus dons e dos seus impulsos, fazê-los participar do seu amor de Pai: através do seu amor pelo filho, é o amor de Deus que se transmite ao filho, através da autoridade dos pais, a autoridade de Deus, através da dedicação dos pais, a Providência de Deus.

Como qualquer casal cristão, o casal estéril deve reconhecer-se e querer-se destinado ao crescimento do Corpo de Cristo. Através da oração e da Eucaristia, poderá compreender como Deus deseja vê-lo colaborar no crescimento do Corpo Místico. Desta pobreza e da confiança em Deus pode nascer um filho do milagre ou nascer um convite para adoptar crianças, ou de qualquer forma nascer uma fecundidade espiritual.

Deixemos o Reino de Deus crescer nos nossos casais, como cresceu na Sagrada Família durante os 30 anos da vida oculta de Jesus.

- Um mistério cristão¹⁵

A vida da Sagrada Família podia parecer comum aos seus contemporâneos e, no entanto, vivia-se lá um grande mistério: Deus vivia ali! Para Maria e José, eram precisos os olhos da fé para ver no seu filhinho que brincava a presença do Deus três vezes santo...

Nas nossas famílias, vivemos o mesmo mistério, visto que Cristo disse: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Que nos diz a nossa fé?

Onde está o Filho está o Pai. Tal como na família de Nazaré, o eterno diálogo de amor entre o Filho e o Pai, na unidade do Espírito Santo, vive-se nas nossas famílias cristãs. O Filho veio ao nosso mundo para «filializar» o universo, para introduzir todos os seres na sua dupla atitude de abertura à efusão de amor do Pai e de gratidão alegre e rejubilante para com ele.

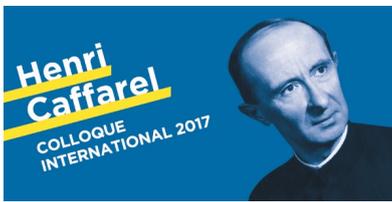
Assim como fazia na família de Nazaré, Jesus quer unir-se a cada um de nós, mas também a cada um dos nossos casais, a todas as nossas famílias como pequenos corpos místicos. Ao fazê-lo, une as nossas famílias. Em Nazaré, Jesus estava fisicamente presente. Nas nossas famílias, recebemos o seu Espírito através da oração, da ascese e da frequência dos sacramentos. Na nossa família, «ecclesiola», «pequena igreja», frutificará a graça que dispensam. Os olhares, os corações e a vida de todos estarão voltados para o Pai, como estavam na família de Maria e José.

- Uma pedagogia divina¹⁶

A família de Nazaré, em que se manifestavam as constantes da pedagogia de Deus, é um modelo para nós. Deus quer que, durante a sua permanência na terra, os seus filhos estejam sujeitos às leis da sociedade.

¹⁵ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 168-171.

¹⁶ Henri CAFFAREL, *op.cit.*, p. 171-175.



Henri Caffarel, prophète pour notre temps **Colloque International – 8 & 9 Décembre 2017**

- Como José e Maria, somos chamados para trabalhar, ao serviço dos nossos irmãos e como forma de chegar a Deus. Como eles, somos chamados a ser fiéis às leis da sociedade e às leis religiosas.
 - Deus chama-nos a ser livres em relação ao mundo:
«Deixa» Nazaré e vai para Belém, «Deixa» Belém e vai para o Egipto. Somos convidados a não nos instalarmos, tanto no plano material como no espiritual. Não sejamos cativos de nenhum bem, de nenhum senhor, de nenhum poder deste mundo...
 - Através das provações materiais e morais, José e Maria experimentaram a dilaceração da alma que tem confiança mas ignora o sentido do que lhe acontece e fica assustada. Eles podem ajudar-nos, em circunstâncias semelhantes, a ver uma intervenção amorosa do Deus-educador.
 - Seremos protegidos por Deus, como eles foram, porque Deus só permite que o mal ataque os seus filhos na medida em que esse mal é para eles uma oportunidade de crescimento no amor. Mesmo quando os acontecimentos nos parecem incompreensíveis ou dolorosos, acreditemos que *«tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus»* (Rm 8,28). Se o mal é susceptível de nos corromper ou de se opor à missão que temos de desempenhar, Deus faz-se o nosso escudo, como quando o Senhor avisa José para ir para o Egipto porque ainda não chegou a hora de o seu Filho derramar o seu sangue.
 - Como prova a história de Maria e José, Deus cumula de bens aqueles que o preferem a tudo. Deus só quer dar-nos cem vezes mais se não nos atolarmos no prazer e se não preferirmos as alegrias da terra à felicidade de Deus.
- A família de Maria e José era uma ilha de felicidade, e isso agradava a Deus.

Conclusão

Quisemos partilhar convosco muito simplesmente o que recebemos, há mais de 20 anos, na equipa de Nossa Senhora, quando estudámos, durante um ano, o livro do Padre Caffarel *Prends chez toi Marie ton épouse*. Na capa, vemos um ícone de estilo bizantino que representa Maria e José ternamente abraçados. Como o Padre Caffarel diz na nota ao leitor: *«Eles são jovens e belos. O seu gesto de ternura mútua — que entusiasmo, que pudor, que delicadeza! — expressa o seu amor ao mesmo tempo conjugal e virginal baseado no apelo de Deus»*. Foi para nós uma revelação, porque nunca ninguém nos tinha apresentado este casal como um exemplo. José, representado como um velho, não dava necessariamente o desejo de ter como referência o casal que ele formava com Maria. Enquanto refugiarmo-nos nos braços de Maria nos era familiar, e rezar a José poderia vir-nos à mente, pelo menos em Março, pelo contrário, rezar em casal a Maria e José não nos era familiar. Pensando bem, não tínhamos percebido realmente o verdadeiro desígnio de Deus. O seu filho devia nascer de uma mulher, mas devia ser confiado ao amor de um casal, totalmente voltado para Deus. Era isto que queríamos partilhar convosco, e terminamos com um excerto do que o Papa Paulo VI disse às Equipas de Nossa Senhora a 4 de Maio de 1970: *«O Salvador começou a obra da salvação por esta união virginal e santa em que se manifesta a sua onnipotente vontade de purificar e santificar a família, santuário do amor e berço da vida»*.